



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/baratas/>

Baratas

Tiago Amaral Sales [1]

RESUMO: Este ensaio é uma tentativa de fazer as pazes com as baratas em criações de coexistências mais pacíficas, sem negar as tensões que coabitam esses territórios de convivência. Mais do que coexistir: conviver e admiti-las como vidas válidas, me abrindo para a escuta dos encontros possíveis com estes artrópodes, como também para os afetos que em mim desencadeiam. Para a escrita, dialogo com a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, como também com leituras de Jorge Larrosa e Clarice Lispector, caminhando como baratas, em ziguezagues e vôos rasantes.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da diferença. Cartografia. Devir-animal. Medo. Coexistência.

Cockroaches

ABSTRACT: This essay is an attempt to make peace with cockroaches in the creation of more peaceful coexistence, without denying the tensions that coexist in these coexistence territories. More than coexisting: living and admitting them as valid lives, opening me up to listening to the possible encounters with these arthropods, as well as to the affections that they trig on me. For writing, I dialogue with the philosophy of Gilles Deleuze and Félix Guattari, as well as with readings by Jorge Larrosa and Clarice Lispector, walking like cockroaches, in zigzags and low-flying flights.

KEYWORDS: Philosophy of difference. Cartography. Animal-becoming. Fear. Coexistence.

Blattodea: ziguezagues e vôos rasantes

Se me perguntassem o que é um animal, eu responderia: é o ser à espreita, um ser, fundamentalmente, à espreita.

Gilles Deleuze - A de Animal (Deleuze; Parnet, 1995, p. 4).



Vidas multicelulares. Animais. Artrópodes. Insetos. Ordem blattodea.

(Blatta = inseto lucífugo, barata) [...] Diagnose. Insetos neópteros de tamanho moderado a grande (3-100 mm), com o corpo ovalado e deprimido (às vezes convexo), de coloração parda, castanha ou preta, podendo apresentar manchas coloridas. Algumas espécies podem apresentar tons de laranja, amarelo ou verde. O pronoto tem a forma de um disco e é expandido, cobrindo a cabeça em muitas espécies. A cabeça é bastante móvel e normalmente pode estar com a frente voltada para baixo. As antenas são, em geral, filiformes. Aparelho bucal do tipo mastigador. Há espécies aladas, braquípteras e ápteras. As asas anteriores são pergamináceas (tégminas) e as posteriores, membranosas. As pernas são marchadoras (às vezes, cavadoras) com tarsos pentâmeros. Os cercos têm de um a vários artículos. Machos com genitália assimétrica. Fêmeas com ovipositor, geralmente, escondido. Os ovos são depositados em ootecas (Nessimian, 2019, p. 287).

Baratas: seis patas, às vezes aladas, antenas filiformes, cabeças ágeis e milhões de anos de evolução. Milhares de espécies povoam o mundo afora em diversidades de tamanhos, cores, hábitos e habitats. Habitam cidades, esgotos, lixos, casas, ruas, florestas, troncos, serrapilheiras, buracos e tocas. Se alimentam de tudo e andam para todo lugar. De poucos milímetros a até dez centímetros, tornam-se gigantescas nos afetos que são capazes de provocar. Uma barata pode acionar desprezo, medo, nojo e pânico - poderiam também provocar admiração?

Ao serem avistadas, “profanam” os espaços os quais percorreram: desterritorializam por onde passam, contaminando tudo com seu caminhar ágil, sorrateiro, veloz e corajoso. “O território são as propriedades do animal, e sair do território é se aventurar” (Deleuze; Parnet, 1995, p. 3). Ao caminharem por todos os cantos durante as noites, no escuro, pelas frestas e cavidades que passam despercebidas, as baratas vão traçando seus territórios na medida em que convergem e tensionam com os territórios-humanos. Quando acontece um encontro entre primatas bípedes e estes artrópodes sorrateiros, podem ser tensionados por gritos e o desespero.



“O escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranquilo” (Deleuze; Parnet, 1995, p. 4). Observe as antenas das baratas. Sempre à espreita. Inquietações, tensões e nada de tranquilidade. Sendo o animal um ser a fundamentalmente à espreita (Deleuze; Parnet, 1995, p. 2), me coloco como animal-escritor também à espreita dos afetos que me passam nestes encontros com as baratas, cartografando-os por meio de um ensaio.

A verdade do ensaísta não é algo exterior, mas algo que a própria vida faz. Trata-se da verdade da subjetividade, da verdade feita subjetividade – e de uma subjetividade que se faz verdadeira no ato mesmo de ensaiar-se. O ensaísta sempre escreve e pensa sobre si mesmo e a partir de si mesmo. O valor de sua escrita e de seu pensamento não se apoia em nada exterior, em nenhuma autoridade, em nenhuma convenção. Por isso, o ensaísta arca com a responsabilidade do que é dito, e é essa responsabilidade que o torna verdadeiro. O ensaio tem algo da expressão de uma subjetividade, da biografia de uma subjetividade. Mas desde que essa subjetividade expresse um mundo, o seu mundo. E, também, desde que essa subjetividade se ponha à prova, se ensaie, se invente e se transforme. Por isso, o ensaísta não só põe em questão o que somos, o que sabemos, o que pensamos, o que dizemos, o modo como olhamos, como sentimos, como julgamos, mas, acima de tudo, põe em jogo a si mesmo nesse questionamento. Por isso, o ensaio é, também, *olhar a existência a partir dos possíveis, ensaiar novas possibilidades de vida* (Larrosa, 2004, p. 37, grifos meus).

Esse é um ensaio que surge a partir da inquietação de uma convivência em tensões com as baratas. Porque sinto tanto nojo das baratas? Mais do que nojo, sinto aversão, medo e sou deslocado a lugares que são, para mim, ainda confusos ao com elas me encontrar: vou a cavidades da minha existência que apenas pequenos e ágeis seres poderiam adentrar. Talvez o encontro do meu mundo com o mundo delas seja de tamanha estranheza que cause um desconforto visceral, o qual cartografo por meio deste ensaio também na tentativa de criar algo que seja diferente do que existia ao tensionar estas relações, como propõe Jorge Larrosa (2004, p. 37), olhando “a existência a partir dos possíveis”, ensaiando “novas possibilidades de vida”.



Uma escrita que se faz no limite entre eu e as baratas, entre o humano e o artrópode, entre a convivência e o desespero: “Deve-se estar sempre no limite que o separa da animalidade, mas de modo que não se fique separado dela. Há uma inumanidade própria ao corpo humano, e ao espírito humano, há relações animais com o animal” (Deleuze; Parnet, 1995, p. 5). Talvez, nesse limite que separa da animalidade, também me encontre com minhas características que conferem-me o caráter de animal: pânico, medo e horror como respostas, reflexos, afetos, diálogos com a experiência me passa (Larrosa, 2011) e possibilidades de lidar com isso que me acontece.

Adentro no que chamo de avesso de mim: lugar do terror, da aversão, do nojo extremo que gera pânico. Mas pânico acionado a partir da presença de um ser vivo que tem o direito de viver, de procriar, de reproduzir, movimentar, alimentar... que tem direito de existir? Um pânico povoado também por preconceitos e aversões ao que é diferente e, por ser diferente, causa repulsa.

As baratas e o avesso de mim

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E a mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes...

Caetano Veloso - Sampa

Repulsa, medo, asquerosidade. Olhar, grito, desespero, fuga. Este é um ensaio escrito na tentativa de fazer as pazes com as baratas, seres em metamorfose. “Tudo no animal é metamorfose” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 68). Seres mutantes? Mais do que fazer as pazes com estes artrópodes, o objetivo é também metamorfosear em devires, fazer as pazes comigo e com partes de mim que dolorosamente tenho aprendido a lidar: a repulsa ao que se apresenta extremamente diferente de mim - e em mim - e o qual retiro o caráter de vivo, ou quando reconheço como vivo,



coloco como perigo para minha vida. Medo com o que vejo como diferente, que não é espelho e que coloco como não passível de convivência por ser tão estranho.

Desde minha infância recordo do terror que tenho com baratas. Lembro-me de momentos com oito ou nove anos quando uma barata subiu no meu braço e meu pavor foi gigantesco. Lembro de noites de sono perdidas quando encontrava uma barata em meu quarto e, de repente, ela desaparecia sem que eu antes colocasse em sua vida um fim. O desejo era colocar o fim na vida de todas as baratas, como Clarice Lispector em *A Quinta História* (Lispector, 1999, p. 82-84) e seu desejo-tentativa-delírio de matar as baratas com uma receita mortífera de açúcar, farinha e gesso:

De dia as baratas eram invisíveis e ninguém acreditaria no mal secreto que roía casa tão tranqüila. Mas se elas, como os males secretos, dormiam de dia, ali estava eu a preparar-lhes o veneno da noite. Meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte. Um medo excitado e meu próprio mal secreto me guiavam. Agora eu só queria gelidamente uma coisa: matar cada barata que existe. [...] Em algumas o gesso terá endurecido tão lentamente como num processo vital, e elas, com movimentos cada vez mais penosos, terão sofregamente intensificado as alegrias da noite, tentando fugir de dentro de si mesmas. [...] Áspero instante de escolha entre dois caminhos que, pensava eu, se dizem adeus, e certa de que qualquer escolha seria a do sacrifício: eu ou minha alma. Escolhi. E hoje ostento secretamente no coração uma placa de virtude: "Esta casa foi dedetizada" (Lispector, 1999, p. 82-84).

Desejo de aniquilação total, de extinguir, exterminar. Desejo violento e autoritário, nutrindo-se da morte do outro, do diferente que, mesmo dedetizando todas as casas do mundo, reaparecerá pelos canos dos esgotos, janelas, portas e frestas possíveis. Talvez, nessa vontade de matar também exista uma incapacidade de compreender a morte, já que “não são os homens que sabem morrer, são os bichos, e os homens, quando morrem, morrem como bichos” (Deleuze; Parnet, 1995, p. 5).



Algum tempo atrás - antes da pandemia de covid-19 -, em uma mesma semana icônica de férias, tive três encontros com as baratas povoados por tensões: um dia no bar já de madrugada vejo uma barata na mesa e, em um gesto de medo, verbalizo bem alto que avistei sua presença e saio em desespero. Quando vi, já estava do lado de fora do estabelecimento em plena chuva. A barata desapareceu e fui embora logo em seguida.

Dois dias depois, também em um bar, vejo de longe, bem longe, um ser marrom voando em minha direção. Paro a conversa com os amigos e falo sozinho olhando para o além, me questionando se era ou não uma barata, até que verbalizo bem alto que era uma barata voando e estava próxima da mesa, me levantando e correndo para metros de distância em uma reação defensiva de extremo medo. Observação, negação, constatação e fuga. Realmente era uma barata e, se não bastasse sua existência, ela voava em minha direção e pousou no rosto de um garoto na mesa ao lado, a menos de dois metros de onde eu estava. Ele, com muita tranquilidade, a jogou no chão, e rapidamente ela foi para baixo de outra mesa, onde seus integrantes humanos finalmente assassinaram aquele animal que para mim era asqueroso. Para voltar ao meu lugar peço para vê-la morta, como prova da minha frágil sensação de segurança consistida em chacinas de artrópodes ou no não-avistamento de baratas vivas. Próximo a ela existia outro cadáver amassado desse inseto medonho.

E como se não bastasse, três dias depois, um novo susto. Enquanto passava um tempo à noite com minha família fazendo um delicioso bolo de banana, fui pegar um papel para untar a forma. Ao colocar a mão na prateleira, sinto as patas ágeis de um inseto grande em minha mão e, em menos de um segundo, em gesto de conexão - ou talvez um choque, medo e horror - com algo que para mim é tão pavoroso, anuncio que ali tinha uma barata, pedindo ajuda, me movendo em segundos para outro cômodo da casa. Procuo por quase um minuto o veneno para matá-la. Mas como dedetizar a cozinha em pleno processo de preparo de um alimento? Este seria contaminado com compostos tóxicos, ou a cozinha continuaria a ser contaminada pela presença viva blattodea. Respiro e tento recuperar minha calma para pensar em uma forma de colocar fim naquela - para



mim - vida-nojenta-detestável sem poluir todo o ambiente com veneno. Depois de alguns minutos, tudo termina bem, exceto para a barata: está morta. Bem para quem?

Reflico novamente... Por que tal inseto me causa tanto medo e nojo? Me causa tanto pavor, mesmo sendo biólogo de formação e apaixonado por tantas formas de vida... Seria devido sua estética ou pelo que aprendi em filmes, desenhos, revistas e convivendo com outras pessoas? Penso, repenso e concluo, ainda com muitas incertezas, que a barata conecta-me com muito do que entendo como extremamente nojento e repulsivo: a sujeira, os esgotos, as fezes, o estranho, o diferente, o desconhecido, o incontrolável. Ela parece ser o oposto de mim, penso, na medida em que quero ser o contrário de uma barata.

Porém algo mais existe nessa história: talvez no fundo de mim exista um pouco de barata. Aquilo classificado como terrível por ser tão esquisito, estranho e medonho que mora dentro de você e só se torna visível em detalhes, por brechas de verdade. Podem ser baratas também. Seres tidos como asquerosos que existem e têm o direito de viver e, ao mesmo tempo, se proliferam rapidamente, quase como um vírus, contaminando toda a cidade, voando em sua direção com suas asas-e-patas-e-antenas de estéticas pavorosas.

A barata é uma máquina resistente e subversiva. Não tenho dúvida de que caso a humanidade um dia se extinga, as baratas sobreviverão. Seres tão estranhos e tão geniais... talvez por isso me causem tanto medo: de tão medonhas são indestrutíveis. De tão repugnantes tornam-se sinônimo de força e vida. Vida da forma moralmente mais sem valor, vidas sujas nas escuridões da cidade, mostrando o que ninguém quer ver: a realidade poluída, nua, crua, ágil e contaminante.

Tenho um gosto pelas realidades - vontade de contato misturado com medo, tensão e desejo. Gosto do que é chamado de “verdade” mas preciso também de doses de fantasia. Um de meus limites talvez sejam as baratas, pois não quero encontrar diariamente com o avesso de mim, ou talvez até deseje esse encontro, mas não seja algo fácil: desestabiliza as formas que aprendi a ser



e existir. Mas, quem sabe, estes encontros também possam me deslocar e ensinar um pouco a ser outro, em ressonâncias com o diferente de mim que, em muitos momentos, também faz parte de minha vida.

Parece que a barata me leva a um medo que eu fujo, fujo, fujo e vem sempre até mim: andando ou voando em minha direção, adentrando pequenas frestas, povoando lugares inimagináveis. Talvez ela seja a esquisitice que quero negar existente no mundo, encarnada em paredes quitinosas que habitam esgotos, e casas, e ruas, e lojas, e restaurantes, e quartos, e andam pelos copos, paredes, comidas, pessoas... Será que para outra pessoa ou outro ser não humano eu posso ser como uma barata? Sujeito diferente, esquisito, estranho, anormal, que deve ter sua existência aniquilada, extinta, higienizada.

Nestes encontros, um devir-animal. Devir-barata?

Devir animal é precisamente fazer o movimento, traçar a linha de fuga em toda sua positividade, ultrapassar um limiar, atingir um continuum de intensidades que só valem por si mesmas, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem, todas as significações também, significantes e significados, em proveito de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados, de signos assignificantes (Deleuze; Guattari, 2017, p. 27)

Devir-animal como deslocamento, movimento, linhas de fuga. “Devir-animal: forragear, rastejar, caminhar, voar, comer, predar. Aprender a ser híbrido, performar, misturar. Devir-animal: criar mundos pelas brechas, nas coisas diminutas. Se envolver na trama dos territórios” (Sales, 2020). Devir-barata como a escuta para a vida das baratas, políticas-barata, a resistência, a contaminação.

O devir-animal não tem nada de metafórico. Nenhum simbolismo, nenhuma alegoria. Não é tampouco o resultado de uma falha ou de uma maldição, o efeito de uma culpa. [...] É um mapa de intensidades. É um conjunto de estados, todos distintos uns dos outros, enxertados sobre o homem



enquanto ele busca uma saída. É uma linha de fuga criadora que não quer outra coisa que não a si mesma (Deleuze; Guattari, 2017, p. 69).

Talvez nesse devir-barata encontre força para contaminar o que existe de tentativa de manter-se “puro” e higiênico. Quem sabe, devir-barata seja resistência pelas brechas, pelo horripilante, medonho e nojento: espaços negados, combatidos, mas também subversivos. É que a barata não tem medo - e se tem, o enfrenta de cara ou foge para preservar sua vida. Ela só é: é coragem e horror, enfrentamento e subversão, vivendo no que se chama de sujeira, nas brechas, atravessando espaços diminutos e causando terror por sua falta de medo.

Deleuze e Guattari (2017) ao cartografar as obras de Kafka e discutirem acerca do devir-animal também pensam nas baratas a partir de Gregor, que “torna-se barata, não apenas para fugir a seu pai, mas, antes, para encontrar uma saída lá onde seu pai não soube encontrá-la, para fugir ao gerente, ao comércio e aos burocratas, para atingir esta região onde a voz apenas zumbe” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 28). Poderia ser o devir-barata uma possibilidade de fuga? Traçar linhas de fuga pelas pernas marchadoras que movimentam-se agilmente, ou pelas asas, quando existentes, que voam corajosamente em micromovimentos com a potência de causar terror e pânico.

Talvez meu horror com as baratas também seja medo da falta de medo. A falta de medo me parece algo próximo da morte, da loucura, do perder-se de si. A barata é algo disso: ser medonho que perambula por onde quer e onde menos queremos que ela esteja. A barata passa pelos nossos talheres, pratos, quartos, banheiros, cozinhas, mesas, pias, escovas de dente, comidas, corpos... passa até por nós, na sua coragem desrespeitosamente desterritorializadora e destruidora de linhas duras. A barata é linha de fuga através do horror de apenas ser. Ela só é e neste apenas ser é asquerosa, horripilante, subversiva e perigosa. É inofensivamente medonha e potencialmente resistente.



Imagem 1 - Barata: entre a vida e a morte, uma coexistência (im)possível?



Fonte: Registros do autor e manipulação digital. Sales, 2021.

Coexistências com as baratas

O importante é ter uma relação animal com o animal. O que é ter uma relação animal com o animal? Não é falar com ele...

Gilles Deleuze (Deleuze; Parnet, 1995, p. 2).

A alguns meses, uma amiga me sugeriu conversar com as baratas para trabalhar meu medo com elas e, curiosamente, um outro conhecido que nenhuma relação tem com ela fez a mesma sugestão recentemente. Ensaïar um diálogo com o ser-medonho pode ser tentar certa aproximação, aguçar a percepção da vida nelas existentes e também de seu direito de viver. Talvez



este diálogo seja um movimento de coragem para olhar as baratas em outros ângulos e também a abertura para aprender com essas formas outras de vida, aprender com o que causa medo e repulsa. Mas como ter um diálogo com um ser não-humano sem humanizá-lo? Um diálogo-animal, beirando a animalidade que se faz presente em minha vida, em meu corpo, em minha existência? Um (anti)diálogo de animal para animal pelas nossas diferenças? Antidiálogo pelo encontro ser permeado por possibilidades outras de comunicação e de trocas.

Tenho tentado usar essas diferentes formas de comunicação também com outros medos. Medos que habitam em mim, que povoam minha existências e, misturando em meus caminhos, já não se separam de mim. Mas, coexistir nem sempre é pacífico: coexistências também vêm permeadas por disputas. Conversar com os medos pode ser uma forma de entendê-los, ou ao não compreendê-los, aceitar, respeitar, admitir, pensar em viver apesar de, viver além de, viver com. Conviver com as monstruosidades do outro: outros seres humanos e não humanos. “Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?” indaga Clarice Lispector como Ricardo S. M. em *A Hora da Estrela* (Lispector, 2019, p. 15).

Conviver. Viver. Pensar em coexistências: Como conviver com o medo, com a monstruosidade? Como aceitar e admitir isto que se apresenta como medonho e monstruoso? Como acolher o medo do que é diferente, do que me parece asqueroso? Será que sou asqueroso para as baratas? Quais potências habitam nestas monstruosidades? Talvez seja possível até pensar em uma política-barata: resistências às purezas higienizadas, fugas em ziguezagues, desterritorializações em contaminações. Novamente um devir. Devires.

Talvez, se limparmos a casa constantemente, possamos afastar momentaneamente a presença das baratas. Talvez, se evitarmos andar pelas ruas à noite ou olhar as proximidades dos bueiros, se higienizarmos tudo, dedetizarmos, destruímos nossas construções antigas, soterrarmos os dejetos, queimarmos a matéria orgânica, envenenarmos as casas, cidades, campos... possamos, quem sabe, afastar as baratas por algum tempo. Mas elas voltam pelos canos, janelas, pias,



cavidades e frestas inimagináveis. Voltam andando, voando, velozmente ou sutilmente, adentrando nossos espaços quando menos imaginamos. Será que nós estamos invadindo os territórios das baratas? Dupla invasão, dupla captura, dupla trama de territórios que se atritam e sobrepõem.

Não tem como fugir das baratas: elas habitam o mundo que nós também habitamos. Se negar suas existências é viver em tensões, medos e sofrimentos, admiti-las como seres com direito de vida pode ser tentar (in)constantemente fazer as pazes com elas, com as esquisitices que povoam o mundo, nossas cidades, casas e corpos. Talvez, o que me difere das baratas e outros seres vivos, humanos e não humanos, seja o que me constitui. Coabitar, conviver e coexistir com baratas, medos e diferenças.

O que me fascina no animal? [...]. Se tento me dizer, vagamente, o que me toca em um animal, a primeira coisa é que todo animal tem um mundo. É curioso, pois muita gente, muitos humanos não têm mundo. Vivem a vida de todo mundo, ou seja, de qualquer um, de qualquer coisa, os animais têm mundos. Um mundo animal, às vezes, é extraordinariamente restrito e é isso que emociona. Os animais reagem a muito pouca coisa. Há toda espécie de coisas... Essa história, esse primeiro traço do animal é a existência de mundos animais específicos, particulares, e talvez seja a pobreza desses mundos, a redução, o caráter reduzido desses mundos que me impressiona muito (Deleuze; Parnet, 1995, p. 3).

E nesta tentativa de fazer as pazes com as baratas, já sabendo que a tensão, estranhamento e o medo continuarão presentes, me coloco atento para o mundo delas. Todo animal tem um mundo. Qual é o meu mundo? Como o meu mundo comunica com o mundo das baratas, em animalidades, em devires, em conflitos? Ensaiar, assim, coexistências com as baratas e com outros seres que reconheço diferentes, e dentro de suas diferenças, que existem e podem viver: em mim, em meu mundo, comigo, próximos e distantes.



Bibliografia

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **KAFKA**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 157 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse, Paris. Filmmado em 1988-1989. Publicado em: 1995.

LARROSA, Jorge. **A OPERAÇÃO ENSAIO**: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan/jun. 2004.

LARROSA, Jorge. EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE EM EDUCAÇÃO. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 110 p.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019. 87 p.

NESSIMIAN, J. L.. Ordem Blattodea. In: Neusa Hamada; Jorge Luiz Nessimian; Ranyse Barbosa Querino. (Org.). **Insetos Aquáticos na Amazônia Brasileira**: Taxonomia, Biologia e Ecologia. 2 ed. Manaus: Editora Inpa, 2019, p. 287-292.

SALES, Tiago Amaral. **Cartografias do cerrado**: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo. Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 466-482, 2020. DOI: 10.46667/renbio.v13i2.358. Disponível em: <http://sbenbio.journals.com.br/index.php/sbenbio/article/view/358>. Acesso em: 19 dez. 2020.

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021



[1] Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO – Criação, arte e vida (UFU); e do GPECS – Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com.